

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO VII, Nº 231 - JULHO - PORTO VELHO, 2008.
VOLUME XXII – Maio/Agosto
ISSN 1517-5421

Desenho da Capa: Eliaquim Cunha

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLDOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - PUC-RGS
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

231



O Brasil plural de Câmara Cascudo

Mauro Dias



Mauro Dias
NetEstado – Caderno 2 – 22.04.2001

Seis dos pelo menos 120 títulos do maior folclorista brasileiro ganham nova edição

Luís da Câmara Cascudo escreveu algo entre 120 e 160 livros. Ninguém sabe ao certo - os herdeiros não sabem, ele mesmo não sabia.

Escreveu sobre o Brasil. Alimentação, vestuário, dança, música, lendas, formação da etnia - defendia a existência de uma etnia brasileira, miscigenada, rica por isso mesma. Escreveu laudatoriamente, ao sabor de encomendas, para expor resultado de pesquisas de textos históricos, encontros com comunidades de partes diferentes do País. Recontou histórias sabidas, cridas, assumidamente inventadas. Como é o homem brasileiro? Tentou responder, com mais afincado do que qualquer outro historiador.

Foi o mais importante folclorista brasileiro, mesmo que seus métodos possam ser contestados, como eventualmente o são - Câmara Cascudo não tinha medo de deduzir, juntando um fato com outro, usando como argumento a ausência de negativas. Ainda assim, foi nosso maior folclorista, e seu Dicionário do Folclore Brasileiro ainda é a mais importante referência - nacional, difusa, abrangente - sobre usos, crenças, costumes e saberes, sobre seres reais e imaginários, sobre etimologia.

Atualização - O Dicionário do Folclore Brasileiro é um dos seis volumes da obra de Câmara Cascudo agora republicados pela Global Editora. É um trabalho que começou a ser escrito em 1939 e ao qual o autor aplicou ponto final em 1954. A edição da Global é a nona (excetuadas as edições de bolso, que são várias, por várias editoras). Se o autor cuidou, até a quinta edição, de atualizar a obra, acrescentando ou corrigindo verbetes, esta nona edição recebeu acréscimos de Laura Della Mônica, que trabalhou com o mestre por mais de 30 anos (o verbete "Rodeio", por exemplo, menciona a Festa do Peão do Boiadeiro, de Barretos, interior de São Paulo, coisa que não constava de outras edições). Ganhou, ainda, ilustrações e amostras de partituras - para os personagens do mamulengo, teatro de bonecos de Olinda, ou para cantigas de roda, como Atirei o Pau no Gato, por exemplo.

Atirei o Pau no Gato aparece no verbete "Roda Infantil", um exemplo bem típico do sistema de coleção de dados usado por Câmara Cascudo. Ele abre aspas para um texto de Renato Almeida, na História da Música Brasileira (sem data), com considerações assim: "As rodas infantis guardam em geral a forma lusitana com que chegaram aqui, embora variadas e deformadas. Mas é nelas que melhor permanecem as fontes portuguesas, parecendo a Mário de Andrade que a criança brasileira se mostra particularmente incapaz de criar melodias nacionalmente marcadas. É certo que esse mesmo escritor reconhece, como se deu com Ciranda, Girandinha, um processo de transformação para chegar a uma forma que, 'sem ser propriamente original, já é necessariamente nacional.'(...)" Há, então, três

autores envolvidos diretamente no verbete: Mário de Andrade, pela consideração sobre a criatividade da criança brasileira; Renato Almeida, que menciona Mário de Andrade e tira outras conclusões daquilo que foi escrito pelo autor paulista; e Câmara Cascudo, que concorda com um e outro e recomenda várias outras fontes sobre as rodas infantis - estudos portugueses (Os Nossos Brinquedos, Lisboa, 1909, de Alexina de Magalhães Pinto), brasileiros (O Brasil Cantando, Petrópolis, 1938, de frei Pedro Sinzig), artigos de jornais (a série Infância e Folclore, publicada no jornal A Manhã, do Rio de Janeiro, por Cecília Meireles, em 1943).

O verbete "Roda Infantil" remete ainda ao verbete "Rolinha": "Roda infantil.

Os versos eram seguidos pelo refrão: 'Olha a rolinha, doce, doce/ S'embarçou, doce, doce/ Caiu no laço, doce, doce/ Do nosso amor, doce, doce.' Figurou em Pelo Telefone, de Donga, em 1917, composição em que apareceu pela primeira vez impressa a palavra 'samba', segundo pesquisas de Almirante, Rio de Janeiro."

O fascínio do Dicionário do Folclore Brasileiro é tamanho que ele, de certa forma, obliterou o brilho de outros trabalhos de Câmara Cascudo, igualmente notáveis, embora nenhum deles seja tão abrangente. A Global Editora selecionou, para o primeiro lote de publicação, além do dicionário, cinco obras: Contos Tradicionais do Brasil (compilação, com 100 histórias), Antologia do Folclore Brasileiro (história das festas populares), Made in África (um estudo da correlação dos folclores brasileiro e africano), Mouros, Franceses e Judeus - Três Presenças no Brasil (estudo sobre a contribuição dos três povos para a formação cultural brasileira) e Superstição no Brasil.

Este último reúne, na verdade, três obras: Anubis e Outros Ensaios, escritos que têm a morte como tema; Superstição e Costumes (que estuda a relação de coisas e objetos do cotidiano com as crenças populares) e Religião no Povo (sobre a religiosidade popular).

Nesta última parte de Superstição no Brasil, tem-se outro bom exemplo do trabalho muito pessoal de Câmara Cascudo, no capítulo Tomar Bênção. Ele trabalha na primeira pessoa do singular: "No meu tempo de menino, tomava-se a bênção matinal e noturna aos pais, avós, tios, primos dos pais, padrinhos, professores, sacerdotes e a qualquer velho respeitável. Também aos visitantes ilustres. Pedia-se a bênção pela manhã e ao dormir. (...) A poetisa Estela Griz Ferreira, esposa do poeta Ascenso Ferreira, nova e bonita, surpreendia-se no sertão de Pernambuco vendo os moços trabalhadores rurais, robustos e sadios, pedirem-lhe a bênção vespertina, como a uma matrona. Não fora hábito privativo de submissão escrava, mas uma tradição, imemorial e comovente, derramada pelos portugueses em todos os lares do Brasil. A dádiva da bênção, em nome de Deus, estabelecia um liame do solidarismo familiar e sagrado. Filho de bênção, o afortunado. Amaldiçoado, sem a bênção dos pais. Voto de felicidade. Respeito. Proteção. Confiança.

Bene-dicere, bem-dizer. Havia uma bênção augural para todas as coisas e entes. (...). Casas novas. Engenhos de açúcar. Estabelecimento comercial.

Lugares mal-assombrados. Exorcismos. Expulsão do Demônio e da Desgraça. Os negros velhos, cativos ou alforriados, abençoavam os netos brancos do antigo Senhor. As Mães Pretas eram indispensáveis no gesto propicial."

Literato - O mestre nascido em Natal, no Rio Grande do Norte, em 1898 (morreu em 1966), era um literato de mão cheia. E talvez como literato se permitisse confessar dúvidas. Ainda sobre o hábito de tomar bênção, lembra que o gesto de beijar a mão em sinal de respeito e ter a cabeça tocada pela mão que beijou é a mesma dos israelitas, dos patriarcas e apóstolos do Velho Testamento, "fórmula sem idade que os hebreus aceitaram e continuam praticando (...) índice de obediência à Lei Velha de Moisés".

Menciona pinturas do sétimo século em que o gesto está retratado e lembra que a sagração dos bispos da Igreja Católica era completada pelo mesmo ritual. E confessa: "Ignoro se o Concílio II Vaticano (sic) modificou o cerimonial."

A Global Editora promete reeditar, até o ano que vem, outros 13 títulos da obra de Câmara Cascudo: A Jangada; Canto do Muro; Cinco Livros do Povo - Literatura de Cordel; Civilização e Cultura; Coisas Que o Povo Diz; Cozinha Africana no Brasil; História da Alimentação no Brasil; Histórias de Nossos Gestos; Locuções Tradicionais no Brasil; Prelúdio da Cachaça; Rede de Dormir; Tradição, Ciência do Povo; e Vaqueiros e Cantadores.

Para contar a "história normal do povo"

O livro "Contos Tradicionais do Brasil" está sendo desdobrado pela Global Editora em diversos livros infantis, em séries que obedecem à classificação proposta pelo folclorista

MAURO DIAS

Detentores dos direitos autorais da obra de Câmara Cascudo, seus filhos decidiram desdobrar alguns livros em outros. É o caso das obras infantis, que a Global Editora está preparando. Inicialmente, serão quatro volumes de uma série que se chamará Contos de Encantamento: A Princesa do Bambulúá, Couro de Piolho, Maria Gomes, O Marido da Mãe-d'Água - A Princesa e o Gigante (o quarto volume abriga duas histórias).

Os dois primeiros títulos já foram lançados. São livros ilustrados, próprios para crianças, com histórias extraídas, principalmente, de Contos Tradicionais do Brasil. Câmara Cascudo dividiu as narrativas tradicionais em estilos: contos de encantamento, contos de exemplo, contos de animais, facécias, contos religiosos, contos etiológicos, contos acumulativos, contos de adivinhação.

Outras histórias tratam do demônio logrado - os títulos explicam o conteúdo -, da natureza denunciante, do ciclo da morte. Histórias da tradição popular, que Câmara Cascudo chama, com as devidas letras maiúsculas, de História Normal do Povo.

Escreve, no prefácio dos Contos Tradicionais do Brasil: "Dividi os cem contos em doze seções. Se o problema da classificação foi resolvido pelo método Aarne-Thompson, tanto mais lógico quanto for abrangendo, pelo conhecimento bibliográfico, o Folclore centro, sul-americano e insular, o mesmo não ocorre com a divisão. Minha divisão antecede aos 'motivos', no critério de uma tentativa de sistematização."

Por que sistematizar? Porque os fios narrativos são poucos e são, como ele demonstra, os mesmos, universalmente, em seus elementos constitutivos. "A ciência popular vai dispor-os diferentemente", escreve. "A são incontáveis, e com a ilusão da originalidade."

É o que acontece numa narrativa de Ademar Vidal, de João Pessoa, Paraíba, *A Música dos Chifres Ocos e Perfurados* - que encerra o volume dos *Contos Tradicionais*. Os caçadores de Mamanguape, uma capoeira paraibana, comem peixe, normalmente. De vez em quando, matam um animal de chifre. Nem tanto para comê-lo. Tiram o couro e o exibem, como troféu.

Os veados da capoeira encontraram uma maneira de evitar o morticínio. O chefe do bando reúne seu "povo" para um "remoer mais demorado na tranquilidade". A convocação é feita por música - dos chifres ocos e perfurados. "Ninguém poderá ouvi-la sem ficar inteiramente dominado e vencido", reza a história. A caça não se realiza.

Em nota de pé de página, Câmara Cascudo aponta que *A Música dos Chifres Ocos...* ressuscita o Sadhuzag, o grande veado negro descrito por Flaubert em *A Tentação de Santo Antônio*.

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

O PÓS-MODERNO

JEAN-FRANCOIS LYOTARD

José Olympio Editora

RESUMO: Publicado na França ainda em 1979, Lyotard leva adiante o projeto de acelerar a decadência da idéia de verdade, pelo menos tal como ela é entendida por algumas correntes da filosofia moderna. Com o termo Pós-Moderno, pretende antes de tudo designar o conjunto das transformações ocorridas nas regras do jogo da produção cultural e que marcam o advento das sociedades pós-industriais. Sua preocupação básica não é a de avaliar todo o conjunto das modificações sofridas pela herança cultural deixada pelos modernos, mas sim a de avaliar as condições do saber produzido nas sociedades mais avançadas, muito particularmente as condições do saber científico e seu suporte tradicional, a universidade

SUMÁRIO: O campo: o saber nas sociedades informatizadas: O problema: a legitimação: O método: os jogos da linguagem: A natureza do vínculo social: a alternativa moderna; a natureza do vínculo social: a perspectiva pós-moderna; pragmática do saber narrativo; pragmática do saber científico: A função narrativa e a legitimação do saber; Os relatos da legitimação do saber; A deslegitimação; A pesquisa e sua legitimação pelo desempenho; O ensino e sua legitimação pelo desempenho; A ciência pós-moderna como pesquisa de instabilidade; A legitimação pela paralogia

Áreas de interesse: Literatura, Filosofia, História.

Palavras-chave: Cultura; Mudança cultural.

